

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Getúlio Vargas biografado

Marcelo Hornos Steffens*

Resumo: Várias biografias foram escritas sobre Getúlio Vargas. Da década de 1930 até o ano de 2006 elas têm sido publicadas, retratando de formas distintas um dos personagens políticos mais importantes da história republicana brasileira. Esse trabalho pretende analisar as transformações ou permanências nas formas do escrito biográfico, tanto em suas características como gênero de escrita, quanto no uso que historiadores dele fizeram, e vêm fazendo, particularmente em relação às biografias escritas sobre Vargas.

Palavras-chave: Getúlio Vargas – Biografia – Escrita de si

Abstract: Several biographies of Getúlio Vargas have been written; from the 30's to 2006 they have been published, portraying one of the most important political characters of the Brazilian republican history in distinct ways. This paper aims to analyze the changing and recurring patterns of this genre, studying not only its features as a specific written style but also concentrating on how historians have been using such characteristics in relation to Vargas' written biographies.

Key words: Getúlio Vargas- Biography- Self writing

Introdução

O presente trabalho pretende discutir uma biografia, dentre as várias produzidas sobre Getúlio Vargas, e publicada no ano de 1955.

Buscamos, através da análise dessa biografia, identificar as imagens que se intentaram construir de Vargas e sobre o período em que governou o Brasil. Buscamos analisar, também, a concepção do biógrafo a respeito desse gênero de escrita.

* Professor do Centro Universitário Newton Paiva/MG. Mestre em História pela PUC-RS. Doutorando em História na UFMG.

Além disso, as biografias contêm discussões importantes sobre o contexto, sobre valores morais e políticos do período no qual foram escritas e que talvez não tenham sido levadas suficientemente em conta pela historiografia que analisou a era Vargas.

As biografias

A origem da biografia, no Ocidente, remonta à própria emergência da modernidade. Segundo Ângela de Castro Gomes, “há um certo consenso na literatura que trata da escrita de si, pode-se datar a divulgação de sua prática, grosso modo, do século XVIII, quando indivíduos “comuns” passaram a produzir, deliberadamente, uma memória de si”.(GOMES, 2004: 10-11)

Como afirma Ribeiro, “o desejo de perpetuar-se, mas, mais que isso, o de construir a própria identidade pelos tempos adiante, responde ao anseio de forjar uma glória”.(RIBEIRO, 1998) A esse anseio atendem a guarda de objetos, o registro de atos cotidianos em diários, da vida por si mesmo em autobiografias ou através de outros, através da biografia.

Ângela de Castro Gomes, em trabalho recente, percebe a ausência de estudos sobre a chamada escrita de si.

Cartas, diários íntimos e memórias, entre outros, sempre tiveram autores e leitores, mas na última década, no Brasil e no mundo, ganharam um reconhecimento e uma visibilidade bem maior, tanto no mercado editorial, quanto na academia. A despeito disso, não são ainda muito numerosos os estudos que se dedicam a uma reflexão sistemática sobre esse tipo de escrito na área de história do Brasil. As iniciativas que constituem exceções provêm muito mais do campo da literatura e, recentemente, de estudos de história da educação.(GOMES, 2004: 8)

Do ponto de vista metodológico, o historiador deve assumir o risco das análises sobre o gênero, tomando os cuidados necessários, principalmente aqueles que distinguem a leitura do historiador da de um produtor mais “descuidado” de biografias. Como bem distingue Benito Schmidt:

Já no campo da história, apesar da aproximação com a literatura também ser marcante, a margem para a invenção é menos dilatada. Afinal os historiadores, por dever de ofício, têm um compromisso muito mais cabal com sujeitos históricos concretos, que existiram na realidade e que chegam até o presente através de documentos. Ou seja, os trabalhos produzidos nesta área, para além de suas qualidades estilísticas, devem prestar contas ao ‘tribunal de apelação da história’: o passado e seus vestígios. (SCHMIDT, 1997: 9)

Biografia detratora

Iremos analisar, a obra do psiquiatra Cláudio de Araújo Lima¹, *Mito e realidade de Vargas*, publicada no ano de 1955, pela Editora Civilização Brasileira. Essa obra chama a atenção, inicialmente, por ter sido publicada no ano seguinte à morte de Getúlio Vargas, pelo seu tom acusatório, e por ter sido publicada por uma editora respeitável, o que surpreende dada a veemência das críticas dirigidas contra Vargas.

Cláudio de Araújo Lima iniciou o livro com alguns alertas em relação à sua posição de biógrafo que, no seu caso, confundiu-se com a do psiquiatra e a de alguém que tenta dar um depoimento, afirmando:

[...] busca-se neste ensaio, mais do que fazer obra de pura interpretação psicológica, dizer a verdade sobre um homem que marcou, com o selo de sua discutida personalidade, todo o último quarto de século da história brasileira. Não a verdade abstrata e rígida, que pertence à especulação metafísica. Mas aquela outra, de índole propriamente pirandelliana, que é concreta, prática, numa palavra – existencial. E por isso mesmo exprime, antes de mais nada, uma opinião pessoal do autor, que vê a dita verdade como esta lhe parece a ele. (LIMA, 1955: 11)

O interesse pelo tema surgiu, para o autor, como uma forma de compreender o movimento de 1930 que, segundo ele, causara a sensação de um “espetáculo de uma tão brusca reviravolta na hierarquia dos valores”. Decidiu então estudá-lo não do ângulo exclusivo de formação profissional, mas no sentido de uma “avaliação histórica do processo que fixara o seu eixo aparentemente na pessoa de quem, a 24 de outubro de 1930, passou a simbolizar o poder civil na chamada República Nova”. (LIMA, 1955: 12)

Para o autor, Vargas surgiu num momento em “que se hispostasiavam os princípios de um movimento que, em suas origens, pugnava por um programa de renovação política”. A sua geração ansiava por uma transformação “que permitisse criar-se um campo de aplicação para a nova filosofia do progresso, à base de uma política nacionalista, capaz de realizar todas as potencialidades da nação em marcha”.(LIMA, 1955: 14)

No entanto, Vargas não foi capaz, segundo Lima, de levar adiante o que a necessidade histórica lhe colocou. Ele, com o tempo, ultrapassou a sua “condição de simples efeito. E tornou-se a causa da mentalidade que se foi modelando no Brasil, à custa de um trabalho insidioso de replasmar a alma brasileira, até dar-lhe a forma aberrante em que hoje, desgraçadamente, ela se encontra”.(LIMA, 1955: 14-15)

¹ O autor já publicara uma outra biografia: *Plácido de Castro: Um caudilho contra o Imperialismo* (Biografia). 2ª edição. Companhia Editora Nacional, 1952.

Então, para conhecer Vargas, o autor começou a interrogar seu temperamento. Ele, segundo Lima, não pertenceria ao grupo dos que têm em suas ações um contato íntimo com a realidade, “aos síntonos”, mas pertenceria ao grupo

[...] dos que têm a sensibilidade principalmente voltada para dentro de si mesmos, donos de uma alma sempre enclausurada em egoística torre de marfim. [...] Em vez de vibrarem, de um modo ou de outro, ao contato das vivências ambientes, permanecem à margem da realidade, subjetivamente distantes de todos os acontecimentos que não atinjam os interesses da sua vida pessoal, num absenteísmo que justifica a designação de “autistas”, que a linguagem técnica lhes dá. (LIMA, 1955: 15-16)

Para Lima, essa é uma das características essenciais da personalidade de Vargas, esse desligamento das coisas que aconteciam à sua volta. Para o autor, não havia situações de alegria ou tristeza que o tirassem da neutralidade. Tipos assim “são frios, anestesiados, marcados por um embotamento afetivo, que vai da simples aparência de calma, matizada por um leve ar de ternura ou de ironia, até os extremos de uma frieza que pode chegar à glacialidade cínica de certos psicopatas delinquentes”. (LIMA, 1955: 16)

Seu comportamento seria glacial. “Indiferente a tudo que não lhe fira diretamente o eu, ou supersensível e irritável diante de certos estímulos específicos, únicos capazes de atravessar a carapaça de sua alma aparentemente enigmática”. Para o autor, a frieza de Vargas teria sido comprovada por inúmeros acontecimentos. Por exemplo, ele não teria sido capaz de perdoar o médico-cirurgião que salvara a perna de sua esposa, que como reconhecimento foi desterrado. Não expressou qualquer emoção na morte de seu pai ou na perda de aliados e secretários.

Nenhuma das tais ocorrências – que ele dirá ‘naturais’ – terá o poder de comprometer os pendores gastronômicos ou a volúpia com que fuma os caríssimos charutos que lhe presenteiam. Esses fenômenos da ‘fatalidade biológica’ não logram perturbar o saboreador matinal de chimarrão. Nem o degustador de anedotas que se refiram a golpes de maquiavelismo ou a vitórias sinuosas. Sobretudo se a última, que lhe for levada por um dos principais bufões da corte palaciana, tiver como centro a sua própria pessoa, em atitude de passar alguma rasteira em militares intransigentes ou em qualquer político ladino. (LIMA, 1955: 31-32)

Segundo o autor, Vargas ao mostrar-se forte diante de situações de perda tão terríveis, para qualquer ser humano normal, tinha traçados objetivos bem definidos: “A mostrá-lo nos flagrantes de magnanimidade ou cordura, de confraternização ou simplicidade populista com que se começa então a preparar a criação do mito em que, por aquele tempo, a propaganda governamental já decidira transformá-lo”. (LIMA, 1955: 33)

As ofensas, insultos ou calúnias dos adversários, de acordo com o autor, somente em condições muito particulares é que produziriam alguma reação de Vargas, quando o ofensor fizesse “qualquer insinuação, por velada que seja, à transitoriedade do seu poder. [...] Na perpetração do pecado capital de negar-lhe a eternidade no Poder, aí sim, pecador algum seria poupado”. (LIMA, 1955: 33-34)

Vargas sorri sempre. Nos momentos mais dramáticos da vida brasileira, na paz ou na guerra, “ele continua a cumprir, calmo e sorridente, todos os prazeres da vida vegetativa”. Dorme “maravilhosamente, de ponta a ponta da noite, em cujo negror se confunde a vigilância canina de Gregório, que enquanto o amo ressona, engendra negociatas e coleciona punhais de prata”. Além disso, como afirma Lima:

Come, com hierático apetite, as iguarias que lhe são servidas quase sempre a sós, como vai melhor ao paladar de um solitário. E que ele saboreia com a serenidade de quem ignorasse que os ávidos tubarões da carne vão espoliando, dia por dia, o sangue dos trabalhadores. [...] Bebe ainda melhor, embalado pelos ditirambos que o transmissor de rádio lhe reproduz aos ouvidos durante a ‘Hora do Brasil’. Ainda que a seca destroe, um pouco em cada ano, as populações do Nordeste. Ou que ali bem perto dele, em plena capital da República, o povo tenha a garganta resseca e morra de tifo, porque o seu risonho governo permitiu que uma firma palaciana roubasse os milhões com que deveria dar água ao Rio de Janeiro. (LIMA, 1955: 39-40)

Segundo Lima, para Vargas, nada disso importava, nem o fato de sua polícia, “totalitária e cruel,” se divertir “arrancando a alicate as unhas de um inocente” ou que membros dessa Polícia Especial estupassem “em frente ao convento dos filhos de São Francisco [...] uma velha indefesa, diante do próprio marido imobilizado, a quem queriam arrancar a delação de companheiros [...]”. E, ao fim da jornada, “se tivesse o hábito do ‘diário íntimo’, seria bem capaz de nele escrever apenas a palavra ‘Nada’”. (LIMA, 1955: 40-41)

Vargas, de acordo com o autor, foi incapaz de criar uma ideologia em razão do seu tipo de inteligência. Seu maior objetivo, no entanto, não seria esse, seria apenas manter-se no poder. O seu oportunismo explicaria a ausência de ideologia. Nem mesmo maquiavélico ele

seria, uma vez que essa característica dependeria de “uma inteligência criadora”, o que Vargas não tinha.

Todo o suposto e lendário maquiavelismo de Vargas se reduz, na verdade, a uma técnica – simplista e primária – de escolher entre um certo número de soluções que lhe apresentem em determinado momento. E para essa escolha, ele só exige que as soluções já se ofereçam acabadas, prontas, digeridas, em condições de dispensar qualquer trabalho de imaginação. (LIMA, 1955: 64)

A oratória de Vargas também mereceu observações do autor. Ela teria sido a “antítese da técnica oratória de Mussolini [...] Ao invés da facúndia do ditador italiano, o plebeísmo vocabular”. À teatralidade quase caricatural do Duce, a “escassez da gesticulação, a pobreza mímica, enfim, a máscara impassível, que lhe completava a figura inexpressiva”. Além disso, “faltava a Vargas o arrebatamento endemoniado da oratória de Hitler”. Se Vargas não utilizou as técnicas de falar de seus inspiradores políticos, muito menos o fez com os “expoentes democráticos da época”, Roosevelt e Churchill. (LIMA, 1955: 47-49)

Para o autor, Vargas tinha inúmeras frustrações. Desde sua baixa estatura, até frustrações amorosas. De acordo com Lima, Vargas, em momento algum, teria dado mostras de virilidade, tão comum e tão influenciada pela função política. “Os motivos psíquicos que impulsionam o brasileiro à busca de uma função política ou cargo de mando [é a] de satisfação dos apetites genésicos – mais até que os propriamente pecuniários – que o impele à conquista das posições”. (LIMA, 1955: 95)

Pois Vargas, desse ponto de vista erótico, é a negação do brasileiro típico. Dele nada se sabe, com segurança, capaz de integrá-lo na atitude brasileira do sultanismo dos poderosos. Com provas, diretas ou indiretas mas indiscutíveis, não se apontam em sua vida madura situações eróticas dignas de crédito. As poucas aventuras amorosas que lhe atribuem são vagas, imprecisas, duvidosas. Provavelmente até inventadas pelo orgulho nacional, preocupado em não permitir que justamente o ídolo, o símbolo da Pátria, fugisse à regra da hipervirilidade, tão grata ao patriotismo erótico. (LIMA, 1955: 97)

Segundo o autor, para Vargas, 1930 teria representado a vitória sobre um homem que era sua antítese, Washington Luiz: “de porte aristocrático. De maneiras elegantes. Indumentária requintada. Máscara cinematográfica. E – sobretudo – um homem de elevada estatura”. (LIMA, 1955: 73)

Depois, em 1937, quando Vargas deveria ser substituído, reage, quando seu maior medo se aproxima, o drama de ter de abandonar o poder. Se depararia, então, com alguém que reuniria características que viriam a fustigar o maior de seus complexos: suas pernas curtas.

Armando Sales de Oliveira é como um insulto às suas pernas curtas e simboliza todo um contraste para a alma de quem, como ele, não logrou superar suas frustrações mais fundamentais. Que drama ver a postura aristocrática do gentleman paulista, a afrontar o seu jeitão prosaico de estancieiro fronteiriço [...] A cidade contrapondo-se ao campo. O 'gentleman' a desafiar o peão. Litoral versus fronteira. Whisky-and-soda e chimarrão. (LIMA, 1955: 75-76)

Vargas, segundo o autor, direcionou “uma sistemática hostilidade, ora aberta ora embuçada, contra os homens que houvessem recebido da natureza, do sangue ou da educação, aqueles dons que eram a antítese da tragédia que carregava de sua inferioridade física”. Por outro lado, a lista dos

[...] que mais favoreceu com a sua simpatia e tolerância, muitas vezes a ponto de lhes permitir todos os direitos no uso e abuso do círculo segundo do Poder, quanta ternura pela fealdade do Sr. Apolônio Sales. Pelo ridículo do Sr. Barreto Pinto. Pelo ar simiesco de Gregório Fortunato. Por tudo, enfim, que possa equivaler ao grotesco de seu próprio físico. (LIMA, 1955: 85)

Começou, também, a propaganda para a construção do mito. “Então a Propaganda já o aponta, não mais como o ‘chuchu’ insípido e inexpressivo dos primeiros tempos de revolução. Agora é dono de uma inteligência maquiavélica [...] vão semeando a lenda do corpo fechado, de rei da rasteira, que ninguém ‘passa para trás’”. Também, “pai dos pobres”, que ele sacrifica dia-a-dia, “anjo tutelar das crianças, que devem formar nas paradas do ‘dia da raça’, se a avitaminose ainda lhes permitir” ficarem de pé. (LIMA, 1955: 110-111)

Assim como Mussolini, que era dramaturgo, e Hitler, pintor, a propaganda varguista construiu então seu lado intelectual. Seus discursos foram publicados por um conceituado editor e, mais tarde Vargas tornou-se imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL). Encomendam-se biografias, escritas por autores estrangeiros, “por qualquer aventureiro de nome arrevesado, que a imprensa dirigida promoverá urgentemente, de último a primeiro escritor da sua pátria de origem”. (LIMA, 1955: 115)

Retornou ao Catete com quase setenta anos de vida, contudo, segundo Lima, não aprendeu com a idade. “Vargas foi condenado pelo próprio triunfo a mais trágica solidão”. (LIMA, 1955: 123) De acordo com o autor, era sobre um mar de lama que se balançava o seu

barco. Quando percebeu a situação, estremeceu. Não encontrou ninguém próximo. “Sem um amigo que lhe faça companhia. Sem uma mulher que lhe afague a cabeça encanecida. Sem um deus que o ampare no instante supremo. E se abate sobre o mar de lama. Sob o céu vazio”. (LIMA, 1955: 129-130)

Considerações finais

Vários aspectos apresentados nessa biografia chamaram a atenção. A total despreocupação em relação à indicação das fontes – se escritas ou orais, não se sabe - de onde foram retiradas as várias informações que geraram suas reflexões sobre o governo e a pessoa de Vargas.

Houve muitas coincidências das reflexões do autor com a percepção geral da oposição, estampada por grandes jornais. De acordo com Jorge Ferreira, houve uma clara tentativa de identificar Vargas a Hitler e a Mussolini, particularmente, a semelhança de estratégias quanto à propaganda política e sua interferência no pleno desenvolvimento da democracia.

Em 1945, as correntes liberais e anti-getulistas demonstraram incapacidade para assimilar manifestações populares a favor de Vargas. Assim, entre a influência do nazismo e a atuação de idéias perniciosas, entre a mentalidade obscurantista e o comportamento próprio de arruaceiros, a oposição liberal esforçava-se para dar conta dos conflitos que surgiam. Portanto, a explicação liberal, em seu limite, denunciava a aplicação, nos anos do Estado Novo, das técnicas de propaganda política de massa pelo DIP, importadas da Alemanha nazista, sobre uma população pobre, analfabeta e ignorante, ensejando que, no ocaso da ditadura, surgissem tais constrangimentos. Reprimir as manifestações a favor de Getúlio, desse modo, era a saída legítima para o problema. (FERREIRA, 2001: 112-113)

Em relação à propaganda política do governo nesse período, Ferreira identifica que houve uma aproximação entre as avaliações dos jornalistas e historiadores. Na tentativa de explicar a relação entre o Estado e os trabalhadores, estes atribuíram à propaganda política responsabilidade pela dominação, inculcando nos trabalhadores uma ideologia de submissão a Getúlio e ao Estado, impedindo-lhes de organizarem-se livremente. Isso tudo seria agravado, pela crença no baixo grau de desenvolvimento de uma “cultura política popular brasileira”. (FERREIRA, 2001: 113)

Ferreira também identifica outras características atribuídas a Getúlio, acusado de “criminoso, materialista, imoral, desonesto, conivente com ladrões e comparado a uma grande peste”. O autor da biografia analisada, Cláudio de Araújo Lima, usou, ao longo de sua obra,

inúmeras vezes, a imagem de corrupção, crise moral, roubo e dilapidação do patrimônio público durante o governo Vargas, argumentação curiosamente coincidente com a da oposição lacerdista.

Ao que parece, nesta análise inicial de biografias escritas por detratores de Vargas, o objetivo primeiro, antes de qualquer estudo assentado sobre elementos mais consistentes, foi o de construir uma imagem negativa e que tirasse o maior peso político do varguismo, e de seus representantes e herdeiros, para as futuras gerações de eleitores, o que parece não ter sido conseguido.

Fontes de Pesquisa

LIMA, Cláudio de Araújo. *Mito e Realidade de Vargas*. RJ: SP: BA: Civilização Brasileira, 1955. [1ª ed.].

Referências Bibliográficas

FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. RJ: Civilização Brasileira, 2001.

GOMES, Ângela Maria de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. RJ: Ed. FGV, 2004.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... In: *Estudos Históricos*. RJ, n 21, 1998/1.

SCHMIDT, Benito. Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. In: *Estudos Históricos*, RJ, n° 19, 1997.